



O MÉDICO E A REZADEIRA

ANTONIO LINO

ANTONIO LINO

O MÉDICO E A REZADEIRA

FOTO DE CAPA

ARAQUÉM ALCÂNTARA

SÉRIE BRANCO VIVO

1ª EDIÇÃO, 2016

SÃO PAULO/SP - PORTO ALEGRE/RS

EDIÇÃO DO AUTOR/REDE UNIDA

PREFÁCIO

POR HÊIDER PINTO

Ler Antonio Lino para mim é me deliciar com a escrita. Surpreender-me conhecendo novas coisas em realidades novas, ou mesmo aquelas que eu julgava já conhecer. É admirar um excelente labor, meio jornalista, meio antropólogo, meio historiador. Com ancestrais mineiros, Lino, no modo de rodar o Brasil, de se misturar nos lugares e com as pessoas, e de nos contar isso tudo, tem um quê de Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro. Lê-lo me coloca em reflexão, com os muitos elementos que sua escrita oferece para a análise, só que com uma mente aberta graças ao impacto dos sentimentos que sua literatura nos brinda.

Conheci Lino como escritor no ótimo *Encaramujado*, obra fruto de um se jogar de Kombi pelos quatro cantos do Brasil, expondo-se e se permitindo mergulhar e se encantar com as pessoas, paisagens, histórias, sentimentos e afetos de cada local visitado.

Conheci Lino pessoalmente quando, num bom encontro, decidimos desenvolver um projeto: nós, no Ministério da Saúde, decidimos apoiar propostas que pudessem tratar do Programa Mais Médicos (PMM) com outras estéticas, além das diversas pesquisas apoiadas.

O projeto se realizou e deu resultados. Os primeiros estão aqui em suas mãos: uma obra que não se pode dizer que seja sobre o Mais Médicos. Aqui, o Programa é, no máximo, um pano de fundo e um disparador. No centro do olhar, da escuta, da sensibilidade e da caneta de Lino estão as pessoas, suas relações, suas histórias e os lugares onde se produzem diálogos, afetos e cuidado em saúde.

Também não se trata de um livro que possa ser classificado como “de saúde”, mas traz histórias, imagens, noções e concepções muito mais amplia-

das e sofisticadas do que diversas obras que se propõem a tratar do tema em abstrato.

Assim, quem não é da área da saúde, mas gosta do Brasil, de “causos” ou de gente, amará as narrativas de Lino. Quem é estudante, educador ou pesquisador da área de saúde terá nas mãos um potente texto que consegue dizer mais que mil conceitos a respeito das concepções de saúde, o trabalho em saúde, a relação entre os saberes científico e popular, a relação profissional de saúde/paciente-usuário-cidadão, a determinação social do processo saúde-doença, o poder disciplinador da medicina, a medicalização da vida, a biopolítica e o belo e vivo modo como a vida e as pessoas escapam desses controles.

Quem conhece, experimentou ou vem estudando o PMM sabe que, muitas vezes, não é revelada pelas pesquisas a alma do Programa: a afirmação concreta de que o cuidado à saúde é um direito de todos os brasileiros e que esse direito tem de assumir uma dimensão digna, generosa, humana, dialógica e repleta de afetos.

As histórias de Lino trazem esta outra dimensão essencial, muitas vezes, invisível às pesquisas.

Essa alma, que já foi revelada no belíssimo ensaio do grande fotógrafo Araquém Alcântara, publicado no livro *Mais Médicos*. As imagens agora ganham palavras.

Nessas três edições especiais se encontram a obra de Lino e Araquém. Os locais e algumas das pessoas que figuram nessas histórias foram retratadas no livro de fotografia que Araquém, com muita sensibilidade e verdade, denomina de “manifesto humanista”. Obras de uma beleza oportuna e necessária em um momento do país e do mundo no qual, mais do que nunca, é absolutamente necessário afirmar a vida, o amor, o cuidado, a generosidade e a solidariedade, afirmar valores radicalmente democráticos sob o risco de começarmos a regredir enquanto sociedade e civilização.

Nesta publicação, *O Médico e a Rezadeira*, Lino mergulha na história de uma das mais belas e emocionantes fotos do livro do mago Araquém Alcântara.

“Dona Zefa cumprimenta o negro de jaleco branco, caprichando no aperto afetuoso com cheiro no cangote (...) Emaranhado no abraço da rezadeira, o médico alonga o vasto sorriso que cultiva sob o bigode.”

Não se trata da descrição da foto em preto e branco publicada na obra *Mais Médicos*, e que ilustra a capa desta edição. Lino descreveu uma cena que viu ao vivo e a cores, mostrando que Araquém captou muito mais que um momento, registrou o modo característico do encontro que se dá entre aquelas duas almas. Penso que essa é a marca desta história: o mergulho na história e alma desses dois grandes sujeitos que são a Dona Zefa e o dr. Sael Caballero.

Ela, uma menina que veio ao mundo com “estrela”. Filha de outros tempos, nasceu e fez nascer numa comunidade quilombola no interior de Sergipe, por onde Lampião andou e lutou. Rezadeira e parteira desde antes da adolescência, foi sempre, mesmo quando menina, uma mulher forte, alegre, respeitada, benquista, generosa e que merece o atributo do conhecido dito popular que versa sobre a capacidade acolhedora do coração de mãe.

Ele, um médico cubano em sua quarta missão internacional. Um profissional, antes de tudo, com muita alegria a saltar no rosto. Competente, idealista e dedicado aos outros, em sua relação com

aquela comunidade quilombola, soube combinar humildade com sabedoria, respeito ao saber dos outros com aceitação de seus saberes pelos outros, o saber técnico-científico da medicina com o saber popular, espiritual e com a vasta experiência de mulher, mãe, matriarca, benzedeira e parteira de Dona Zefa. Para o bem dos dois e da saúde da comunidade que nasceu pelas mãos de Dona Zefa.

Se a história fosse um relato clínico, Dona Zefa nem apareceria, porque de doenças ela não padece e “profissional de saúde” ela não é. O “caso clínico” mais marcante do livro, fora os quase milagres, é o parto de um natimorto que muitas questões provocará nas mentes dos leitores que não são da área da saúde, dos profissionais de saúde em formação ou já experientes. Zefa e Sael se destacam além desses recortes. O que nos arrebatava na leitura é o mergulho na história desses dois personagens, a imersão que Sael fez naquele contexto, cultura e relações sociais, o modo como conseguiu ser um bom médico, respeitado, sem que, para isso, tentasse desvalorizar e desrespeitar o saber e lugar dos outros.

A história que Lino nos traz é uma lição primorosa e emocionante de alteridade, diálogo, compreensão e composição. Vale para o futuro profissional de saúde, para um estudante de antropologia, para qualquer profissional ou pessoa que adentra um mundo diferente do seu, para todos aqueles que querem fazer de si seres humanos melhores e do mundo um lugar melhor para viver. E como isso tem também a ver com saúde... como tem e deveria ter.

Hêider Pinto

Médico sanitário, responsável pelo Programa Mais Médicos no governo eleito Dilma Rouseff



O MÉDICO E A REZADEIRA

Zefa tinha dez anos quando começou a vestir os mortos. Expirasse alguém naquele sertão do Ser-gipe, aos pés da Serra da Guia, e logo mandavam chamar a menina, versada em sabedorias fúnebres. Depois de lavar o corpo desalmado, e cobri-lo com o traje derradeiro, Zefa ainda abençoava o defunto, oferecendo-lhe palavras úteis à travessia. À parte um ou outro exemplo dos pais, ambos benzedores de ramo, quase todo serviço lhe ocorreu por natureza, sem lição de ninguém:

– Foi uma luz que eu recebi.

Com tal dom, precoce e divino, a rezadeira mirim logo transcendeu os velórios: além das despedidas aos falecidos, com onze anos de idade, Zefa

passou a cuidar também dos trâmites inversos – as boas-vindas aos recém-nascidos. Um acaso iniciou a menina no novo ofício. Aconteceu certa noite: com a barriga madura, a vizinha gemia os alarmes do nascimento. Ao lado da gestante, empunhando o gargalo de uma garrafa aberta, uma parteira veterana, bem reconhecida na comunidade, tomava de golada as primeiras providências: conforme o costume da época, o trabalho de parto era regado a cachaça. O incomum foi que o filho demorou mais que o previsto para se desaconchegar do interior da mãe. As contrações se prolongaram, sem expelir criança alguma. De modo que a bebedeira entrou pela madrugada. E logo passou da dose: horas depois, ao amanhecer, quando enfim acordou daquele pileque fundo, a parteira encontrou seu serviço todo pronto – o rebento nascido, com o umbigo cortado, banho tomado, embrulhado nos panos, sugava tranquilamente sua primeira refeição no seio da mãe. Até a placenta já estava enterrada. Tudo bem feito pela moleca benzedeira que, no meio da noite, acudiu sozinha os gritos da vizinha desamparada, e começou assim sua longa carreira: hoje, aos 71 anos, Dona

Zefa da Guia contabiliza mais de cinco mil partos assistidos. E segue ativa, no pleno vigor da saúde, fiel à missão que os céus lhe confiaram: pegar menino, velar os mortos e rezar no povo.

Para pedir a bênção à matriarca, depois do voo até Aracaju, enveredo por mais três horas de distância sertão adentro. Ao chegar em Poço Redondo, no interior do Sergipe, estico mais 45 quilômetros, do centro do município à zona rural, tropicando o carro alugado nos buracos da estradinha cascalhada, que rasteja em meio à paisagem espinhenta, nos arredores da Serra da Guia. Viajante antiquado, sem as muletas do GPS, tateio o caminho. A cada raro vulto que emerge da poeira, em geral alguém sobre lombo de moto ou cavalo, baixo o vidro, coloco para fora um aceno, e aproveito para renovar a confiança na minha direção. De boca em boca, alcanço meu destino: nestas redondezas, só não conhece Dona Zefa quem ainda não nasceu.

– Vamo entrá, meu irmão. Que o sol enjoa.

Desde cedo, à sombra da varanda, os tocadores já estão afinados, soprando seus pífanos, um fazendo a terça do outro, com a caixa e o zabumba na

retaguarda. Chego à comunidade em ocasião especial: a tradicional novena do Padre Cícero, que Dona Zefa promove, religiosamente, no último sábado de todo novembro. A casa pequena da anfitriã estufa de devotos. Quem chega vai logo afundando um caneco de metal dentro de uma das três moringas de barro, à disposição das goelas áridas, no canto da sala. Encostada numa das paredes, em meio a flores de plástico e pompons de papel laminado, uma estátua do beato cearense figura solene, num altar improvisado sobre o *rack* onde, nos dias comuns, é a televisão que costuma ser venerada. Na cozinha, as mulheres catam feijão e temperam nacos de carneiro. Aproveitando uma brecha no receptivo, Dona Zefa leva um balde d'água à pocilga, para enlamear um pouco seus porcos (“A gente aqui comendo e bebendo, e os bichinho morrendo de sede”). Enquanto isso, no terreiro, depois de expor suas guloseimas no porta-malas aberto do carro, o vendedor de doces organiza as crianças da comunidade em fila, e então distribui, como doação, dois caramelos e um piparote por cabeça. Na barraca de lona ao lado, arriscando seus parcos centavos, os

moleques mais certos na mira se lambuzam com chocolates derretidos, que eles derrubam do tabuleiro com a espingardinha de pressão. O chão vai acumulando os despojos do festejo: papéis de bala, pacotes de bolacha recheada, palitos de picolé, latas de refrigerante. Exaltados em meio àquela alegria turbinada com aromas artificiais e açúcar refinado, dois meninos se engalfinham. Agreste, o corpinho a corpinho se acirra. Até que Dona Zefa aparece, brandindo uma vassoura. E a rinha logo dispersa. Com a paz reinando novamente em seu quintal, a senhora irrequieta refaz o rabo de cavalo com uma presilha rosa. Ajeita o vestido florido. E se lembra da própria infância:

– Eu era muito espevitada. Muito dançarina. Chamava mesmo a atenção. Rapaz chegasse eu já perguntava quem era. O povo chamava de doida. Era estrela mesmo que me iluminava.

Entre seus folguedos pueris, a parteira precoce e rezadeira já experiente àquela altura, depois de autoiniciar-se nos assuntos dos espíritos, adiantou-se também nos compromissos de mulher: aos onze anos, Zefa estava de casamento marcado.

Depois de assentir ao pedido de Antonio Piaba, o noivo, Seu Maneca Bengo não poupou vintém para as bodas da filha. Por conta do carisma irresistível e da inviolável honestidade, mouco e cego de um olho, o pai de Zefa era muito bem visto na praça. Fazendo uso do bom nome, Seu Maneca amealhou o crédito de que dispunha nas bodegas de Poço Redondo, além de investir seus próprios porcos e criações no esposório da caçula temporã, que Dona Gabriela parira aos 50 anos, depois dos outros seis. Às vésperas do evento, sobravam farturas. Os preparativos alvoroçavam a família, a comunidade toda.

Ia haver a festa.

A noivinha, entretanto, matutava seus poréns. Os recatados encontros pré-nupciais só lhe reforçavam o pressentimento de que o futuro marido talvez fosse um sujeito apagado demais para fazer par com sua estrela. Depois de meses de namoro, sem ousadia nem para pegar-lhe a mão, Antonio Piaba só conversava de longe, insistia nas solenidades, e seguia tratando a menina por “Dona Zefa”. O tempo passava, e a intimidade do casal empatava de

crescer. Do alto da experiência, a mãe e as comadres aconselhavam paciência. E assim, um tanto contrariada, Zefa foi levando. Até o dia da cerimônia.

O caso antigo de Frebona, índia brava que fora caçada a dentes de cachorro, e depois amansada para amasiar-se com Francisco, talvez tenha fervido no sangue da menina. Duas gerações mais tarde, sua ancestralidade mostrava as garras outra vez, resistindo a ser domada. O fato é que, diante das incompatibilidades com o noivo, como se vingasse a história da avó indígena, a neta acabocladada renunciou o casamento a contragosto. Assim que chegou à porta da capela cheia e toda enfeitada, Zefa desentelou-se do braço do pai. Virou as costas para o vigário atônito. E deixou Antonio Piaba para sempre ali, sozinho, no altar.

– Na hora eu não quis. Vim m'embora. Foi lindo.

Aproveitando o ensejo, ainda sob a poeira levantada pela surpresa geral, outro pretendente externou em público seu amor pela noiva arredia, e propôs-se a substituir o rejeitado. Zefa foi taxativa:

– Coisa oferecida ou tá podre ou tá moída. Essa semana eu não caso com ninguém.

Além de recusar o novo compromisso, a menina devolveu todos os presentes que havia recebido dos convidados. Sem outro meio diante da turra da filha, Seu Maneca Bengo considerou o investimento já comprometido na festa armada. Fez as contas. E achou por bem reverter o prejuízo e a decepção numa inesquecível alegria. Foram dois dias e uma noite de um arrasta-pé sem precedentes. Zefa varou o tempo, sem almoçar nem jantar, só dançando.

– Como se fosse mesmo uma despedida.

Poucos meses depois, enfim, apareceria o eleito. Voltando de uma festa de Santo Antonio, com o facheiro aceso abrindo o caminho noturno, Zefa contou primeiro à Dona Gabriela:

– Mãe, tô namorando com Alexandre. Parece que vou casar com ele.

– Você, minha filha, tenha juízo! Não tem nem um ano que você fez aquela doidiça!

O pai, por outro lado, deixou-se amaciar pelas juras de Zefa, que demonstrava um agrado sincero pelo moço, e se comprometia a não repetir o rompante prévio. Assim, combinou-se o enlace entre a menina e o caçula do velho Manoel Rose-

na, quilombola de estirpe. Seu Maneca só exigiu celeridade:

– Que rapaz na minha casa não alisa banco.

Josefa Maria da Silva contava doze anos e três meses quando saiu da casa dos pais, e foi morar com Alexandre Bispo dos Santos, numa tapera de palha, aos pés da Serra da Guia.

(Nota fuxiqueira: um ano após ser largado no altar, Antonio Piaba casou-se com uma prima de Zefa. “Esse homem batia tanto nessa mulher”, dizem certas línguas, destiladas na boca miúda. Hoje, seis décadas depois daquele épico pé-na-bunda, viúvo, Piaba às vezes aparece na casa de Dona Zefa. Senta para almoçar com Alexandre, com quem mantém uma relação morna. Mas não deseja nem bom dia à ex-noiva).

Recém-instalados no ninho rústico, o novo casal logo multiplicou-se à família. Bem combinados como parelha, durante o período inicial do matrimônio, Zefa e Alexandre tiveram de resistir à uma renhida penúria. Com a espingarda a tiracolo, o marido subia as ladeiras pedregosas da Serra à caça de rolinhas, preás e tatus, enquanto a esposa voltava

com um pouco de água do Boqueirão, para reidratar o choro dos filhos pequenos, que ficavam esperando na rede.

– Sofri sete anos de fome. Da vista azular.

Então, como quase todo homem da comunidade, Alexandre foi trabalhar alugado. No domingo, ele saía a pé. Cumpria a lida. E só voltava no sábado, com o dinheiro que a família comeria durante a semana seguinte, na sua ausência. Com alguma frequência, ao chegar a casa, Alexandre constatava que o salário da vez tinha mais uma boca para alimentar: à revelia do marido, além dos rebentos naturais do casal, Zefa não resistia ao desamparo alheio, e vira e mexe voltava de algum dos inúmeros partos que assistia cotidianamente, trazendo consigo para a palhoça uma criança mais pobre que as suas. Ao todo, foram vinte e três filhos: cinco legítimos e dezoito de criação. Com recursos estagnados para suprir a prole inflacionária, era a fé de Zefa que multiplicava as latas de leite Glória. Por algum milagre, a conta sempre fechava.

– Deus dava o total.

Em agradecimento às pindaibas superadas e às graças alcançadas, Dona Zefa da Guia, há muitos anos, faz questão de celebrar regularmente sua devoção. A novena ao Padre Cícero é um destes compromissos sagrados. Já é uma tradição: depois do almoço farto servido aos convivas (“As festa de pai era como essa minha aí: comestivo mesmo”), e quando o sol começa a alaranjar, os rojões assustam os jumentos, que fogem no trote, enquanto a anfitriã exorta os romeiros ao calvário:

– Tá na hora, gente! Bora subir!

A estátua do Padim é então retirada do altar na sala, e vem para fora junto a uma cruz de madeira, embrulhada com crepom rosa. Assim, carregando seus talismãs, a procissão mete o pé no dorso da Serra da Guia.

Encontro lugar num vão da marcha, e subo entre os sertanejos, arfando pela trilha estreita, íngreme e sinuosa. Agarrado a galhos secos, tomo impulsos morro acima. Minhas canelas roçam espinhos, enquanto vacilo sobre pedras soltas. À certa altura, sou ultrapassado por um rapaz ágil, apesar de seus passos tortos: com os pés recurvados para dentro,

ele tem pressa para alcançar o alto e agradecer o milagre, intermediado pelas rezas de Dona Zefa, que o libertou da cadeira de rodas. Adiante, um senhor de 88 anos escorrega numa lajota empoeirada, ganhando escoriações no antebraço. Para não sucumbir ao mal-estar que começa a lhe chacoalhar o corpo, o velho engole um comprimido, aproveitando o gole d'água que lhe oferecem. Escorado no remédio para hipertensão, e nos ombros dos mais jovens, ele insiste em subir.

Até que, enfim, a pirambeira perde seu ímpeto. E a procissão alcança seu destino: uma capelinha azul, avizinhada do céu.

Lá em cima, os romeiros tiram *selfies* ao lado do rapaz dos passos tortos, que viera à minha frente, tratado por “aleijadinho”, e congratulado por sua proeza. Enquanto isso, quem termina de chegar, repetindo o gesto de seus antecessores, planta ao lado do templo celeste alguma pedra, retirada do árduo caminho até o topo. Mineral sobre mineral, há mais de trinta anos, a tradição tem feito crescer um morrote, saliência inventada pelos devotos: uma discreta corcova no cume da Serra.

A fé cria montanhas.

Quando os últimos concluem a subida (entre os quais o tal senhor, hipertenso e resiliente), Dona Zefa prossegue a cerimônia, com o Padre Cícero no colo:

– Nós agradecemos a Deus e ao Poder, pelo sol que nasce e a lua que gira. O brilho das estrelas. A sombra das nuvens. E o abalo do vento.

Encerrada a prece conjunta, ao Amém do Pai-Nosso, os romeiros acompanhamos o sol, que também desce.

Dois dias depois, a novena do Padre Cícero ainda rende suas resenhas entre os moradores da comunidade. Aqui e ali, o povo comenta o destino do carneiro sorteado no bingo. Os dotes do capão arrematado por R\$ 180 no leilão. O bailado de jagunços do grupo de Maneiro-Pau. Os excessos etílicos dos bebuns de sempre. Os novos casais empareados no lundu, que se seguiu à missa celebrada por Frei Enoque. E até as gafes litúrgicas...

– Zé Manolo errou o bendito duas vezes. Já tá broco.

Dona Zefa, que mal teve tempo de descansar da labuta toda como anfitriã da festa, já incorpora de novo sua habitual altivez, e se enreda às voltas com os preparativos de outro evento: há que terminar de varrer o terreiro, recolher o lixo, preparar o almoço e limpar as duas casas que no final de semana abrigaram romeiros, e hoje servirão de base para a equipe do dr. Sael Castello Caballero, que vem prestar atendimento na Serra da Guia.

Trabalhando desde 2013 na zona rural de Poço Redondo, aos 51 anos, o médico cubano é um profissional experimentado em lonjuras. Apontando para o mar como o Farol de Maissi, que pisca na baía de Guantánamo, sua província natal, dr. Sael partiu pela primeira vez do sul da Ilha para ficar 21 dias a serviço, atracado na Nicarágua. Em sua segunda missão internacional, entre 2005 e 2006, o cubano conheceu o Mar Vermelho, numa longa viagem rumo ao Chifre da África. Sob o peso dos 45°C, que habitualmente pairavam no ar seco da Eritreia, dr. Sael dedicou cuidados a centenas de

pacientes soropositivos. Mais tarde, em 2011, voltando ao continente ancestral, o médico cubano viria a trocar seu país, rodeado de água por todos os lados, por outro, sem saída para o mar: no interior do Mali, dr. Sael testemunhou um golpe de Estado, capítulo de um imbróglio ferino envolvendo militares amotinados, radicais islâmicos e separatistas *tuaregs*. Esgotadas as condições políticas para o serviço humanitário, junto com outros estrangeiros, o médico teve de voltar mais cedo para casa. Mas não ficou em Cuba por muito tempo: menos de um ano depois de retornar do Mali, dr. Sael se despediu novamente da mulher e dos três filhos, e foi reencontrar suas raízes africanas. Dessa vez, numa comunidade quilombola no sertão do Sergipe.

Dona Zefa cumprimenta o negro de jaleco branco, caprichando no aperto afetoso com cheiro no cangote que costuma dedicar a quem chegue. Emaranhado no abraço da rezadeira, o médico alonga o vasto sorriso que cultiva sob o bigode. Devidamente cumpridas as cordialidades iniciais do encontro, com os dois ainda de mãos dadas, peço que me contem o caso do parto que conduziram juntos.

Um parto “perigoso”, segundo Dona Zefa...

Em seu expediente costumeiro (quando não sai para visitar alguma comunidade), dr. Sael atendia no posto de saúde de Santa Rosa do Ermírio, um distrito de Poço Redondo. Era um dia comum do consultório: as conversas com os pacientes, os exames físicos de praxe, as prescrições habituais. Até que o médico cubano foi convocado para uma urgência obstétrica: além das águas da barriga, a grávida vertia sangue. Recorrendo ao prontuário pré-natal da gestante, dr. Sael logo concluiu que o feto estava condenado por conta de uma anomalia congênita. Restava conter a hemorragia que poderia decorrer daquele aborto espontâneo. E assim salvar a mãe. Acontece que já não havia tempo, nem ambulância disponível, para uma transferência ao hospital... Foi então, em meio às tensões crescentes daquele lapso de alternativas, sem ser chamada, a mando apenas da Providência, que Dona Zefa chegou ao posto de saúde. Como acontece com certa frequência, pela falta de transporte público regular que alcance a Serra da Guia, a líder comunitária muitas vezes coloca o carro do filho a serviço dos

vizinhos, e acompanha algum doente até Santa Rosa do Ermírio, sempre que o problema transcende sua alçada de rezadeira. Naquele dia, no entanto, não seria apenas Dona Zefa a contar com o apoio do dr. Sael, mas também o contrário: ao lado do médico cubano, a experiente parteira acendeu-se na prontidão. Avaliou as condições da gestante em risco. E dispôs-se ao trabalho em dupla:

– Que não é só canivete que faz menino nascer.

Com o devido respeito pelo cabedal clínico da obstetra analfabeta (“Nunca assinei meu nome de jeito nenhum”), dr. Sael empregou todo suporte ao seu alcance, ao mesmo tempo em Dona Zefa aplicava seu repertório de manobras e orações sobre a gestante. Dali a pouco, nas mãos da parteira, o menino ainda tomou um gole seco do clarão da vida. No tempo justo daquele suspiro, Dona Zefa aproveitou para batizá-lo. Quando o rebento partiu, como previsto, logo depois de chegar, pelo menos já não era mais pagão.

– O menino dela tava impinicado. A mãe teve relações menstruada. E o menino gerou naquela poluição. O saco dele era pra ser água, foi só san-

gue. A placenta era tudo machucada. Já fiz muito daquele.

Após o parto do natimorto, dr. Sael continuou a postos, na assistência à mãe. Até que as horas seguintes de observação acabaram por convencê-lo: a mulher estava fora de perigo.

– A gente tem sorte de ter Dona Zefa. Ela orienta, comunica, ensina, procura os pacientes. A gente escuta, respeita esse jeito de trabalhar dela. Algumas coisas são antigas, é verdade, já não se usa mais. Mas eu vim para trabalhar em parceria com essa cultura. Tenho que escutar essa gente. Nesse intervalo, nessa conversa, entra uma pactuação pra cuidar das coisas daqui e também pra manter as coisas que são científicas. A nossa parte é interagir. Porque, afinal, eles querem, e nós queremos, uma melhor qualidade de vida para a população.

Com minhas perguntas, acabo por atrasar um pouco dr. Sael, que pendura o estetoscópio no pescoço, para enfim começar seu expediente na Serra da Guia.

Fazia três meses que o médico cubano não visitava a comunidade. Um surto de dengue e chikungunya tem mantido o posto de saúde cheio, e sua equipe atulhada de trabalho, presa aos plantões em Santa Rosa do Ermírio. Causadas por vírus caroneiros de mosquitos, as duas doenças ganham ainda mais força de proliferar com a severa estiagem que acomete a região: por conta da seca, o povo estoca o “de beber” em vasilhas, potes e cisternas, criando assim o ninho perfeito (água parada, morna e limpa) para as larvas do *Aedes aegypti*, o hospedeiro zumbidor. É a situação na Serra da Guia: durante as consultas, dr. Sael gasta boa parte do nanquim de sua fiel e viajada caneta tinteiro, prescrevendo antitérmicos e analgésicos para aliviar nos quilombolas a febre alta e as dores no corpo, sintomáticas da epidemia.

(Nota árida: Tabelado e paliativo, o remédio para a falta de chuvas custa R\$ 300. Trata-se de um caminhão-pipa particular, que traz até a Serra da Guia, por encomenda, um pedaço do Velho Chico – rio ancião, cansado. E cada vez mais magro).

Além de distribuir cartelas de comprimidos aos pacientes atendidos pelo médico cubano, repetindo-lhes, didaticamente, a posologia registrada no receituário, entre outras tarefas, as enfermeiras cuidam também de vacinar as crianças, que chegam aos montes com suas mães. Um burburinho agudo logo cresce de volume, à espera da imunização. Com um incontido orgulho, Dona Zefa aponta para a multidãozinha aglomerada em seu quintal:

– Ó os afilhado.

Em seguida, a matriarca da Guia pega pelo braço uma comadre das antigas, e a conduz a passos lentos, para se consultar com dr. Sael. Aos 104 anos, Dona Joana Valentina de Jesus chegou há oito dias de Santa Brígida, para prestigiar a novena do Padre Cícero:

– Vim festejar!

Mordaz, a quem lhe questione a lucidez, a centenária senhora desafia:

– Quer ver se eu tô caduca? Então me dê dinheiro aqui pra eu contar.

Parente de Alexandre (“Aquele bicho feio é primo carnal meu”), Dona Joana já subiu e desceu mui-

to “pelas ladeira desesperada” da Serra, pisando de pedra em pedra, equilibrando potes cheios d’água na cabeça, bem antes do advento das cisternas.

– Era seco, seco, meu irmão. Agora tá um manjar do céu.

Hoje com a vista defasada (“O que vou fazer? Me conformo. É a idade”), Dona Joana foi testemunha ocular da derrocada do Cangaço no Sergipe. Acossado pelas tropas volantes do governo, o próprio Lampião tombou na Grota do Angico, em Poço Redondo, numa emboscada liderada pelo Tenente Bezerra. Súditos do Virgulino, dois irmãos de Dona Joana, conhecidos no vulgo por Quina-Quina e Ponto Fino, já haviam morrido na luta, meses antes do cangaceiro-mor.

– Era um tiroteio danado.

Para receber a visitante pródiga em memórias, trazida por Dona Zefa ao seu consultório improvisado, dr. Sael levanta detrás da mesa de plástico com os braços abertos:

– Oi, minha avó!

Enxugando os olhos com um lenço branco, Dona Joana reclama de um incômodo ardente, que a inun-

da de um choro inútil, desprovido de sentimento. O médico distende as pálpebras no rosto manchado de um século, completa a anamnese com algumas perguntas protocolares e, como conclusão do exame, recomenda à anciã uma compressa tópica, três vezes ao dia, combinada com um antialérgico. Em seguida, sem demais queixas específicas, Dona Joana se deixa apertar pelo aparelho de pressão. Ao esvaziar o torniquete, dr. Sael divulga o resultado:

– 12 por 8.

Dona Zefa comemora:

– Tá rica!

Terminada a consulta, as duas comadres se enlaçam de novo no *tête-à-tête*, e tomam o caminho de volta, até a casa da rezadeira:

– O médico tem muita experiência. Pela sabedoria dele, a inteligência... É uma pessoa que tem dado a vida à muita gente. Abaixo de Deus, né? A conversa dele é muito proveitosa.

Embora Dona Zefa reconheça e recomende, com frequência e entusiasmo, o trabalho do dr. Sael, ela própria nunca cumpriu a bateria de exames de rotina que o médico insiste em lhe prescrever:

– Repare: eu tô com 50 ano que tive uma febre. Eu não tenho o que o povo chama diabo de gripe. Eu chamo é catarro. É muito difícil. O que eu tenho é essa rouquiça. E uma dor aqui, no peito. Essa dor tem 50 e tantos ano comigo. Acho que essa é que vai me matar.

No pacto entre a fé e a ciência, a que se refere dr. Sael, há uma fronteira tácita, com um contorno impreciso, mas que tanto ele quanto Dona Zefa atentam em respeitar:

– Quando é coisa de médico já mando embora. Não quero que pessoa nenhuma sofra enganada porque eu enganei. Outras vez, já vem do médico pra mim. É controlado.

Vide, por exemplo, o caso de Alexandre. Com as carnes expostas em “chaga pura”, o marido de Dona Zefa foi desenganado pelos clínicos, que lhe atribuíram um irrefreável câncer no sangue. A rezadeira não admitiu os prognósticos. E investiu sua estrela sobre o caso dito perdido. Meses depois, como atestariam novos exames, em virtude apenas do tratamento da esposa, a doença já não circulava mais nas veias de Alexandre.

– Curamo ele com leite de avelós e rapadura preta. A minha entidade passou pra ele.

Foi o mesmo com os dois nódulos malignos, que Dona Zefa fez sumir do próprio pâncreas, com beberagens à base de babosa, folhas de boa-noite e leite de amoreira. E assim também com a pernambucana que, aos 41 anos, depois de mais de uma década gerando apenas frustrações com os mais variados tratamentos para sua infertilidade, resolveu se aconselhar com a renomada parteira: um retrato pendurado na sala de Dona Zefa comprova os frutos do encontro – uma mãe com suas duas gêmeas. Ou então o velho decrepito, que chegou sem conseguir engolir nada de manhã, pelo meio do dia já comeu alguma coisa no almoço com Alexandre, e à noite, de volta à sua casa, diz-se até que se assanhou para deitar com a esposa (“A doença dele era encosto perturbado”). Além do caso mais recente, do tal “aleijadinho”, que não andava, e hoje sobe a Serra da Guia sozinho. Os inúmeros testemunhos variam numa escala que vai dos benefícios mais prosaicos, passando por curas comprovadas, até roçar o nível dos milagres. Com o trabalho espiritual ava-

lizado por resultados carnais, a reputação de Dona Zefa atrai, toda semana, uma média de 200 pessoas em busca de alguma benção. É gente da própria comunidade, junto com moradores de outros distritos de Poço Redondo, sergipanos de outras cidades, nordestinos de outros estados, brasileiros de outras regiões, e até forasteiros de outros países. A lista de procedência dos visitantes é quilométrica:

– Não vou nem dizer. Que vai ocupar seu caderno todo.

Para dar conta da volumosa demanda, ao mesmo tempo em que dr. Sael segue cumprindo seus atendimentos, Dona Zefa também veste um jaleco branco. E então me convida a entrar, junto com alguns de seus pacientes, num cômodo pequeno, contíguo à sua casa: é ali que funciona seu consultório de rezadeira.

De visível, há o altar. Os santos meditam sobre uma toalha branca de renda. Na mixórdia de imagens repetidas, entre anjos loiros e pombos divinos,

as Nossas Senhoras contemplam, ao mesmo tempo, o primeiro e o último dos 33 anos de seu Filho: o menino na manjedoura figura ao lado do homem na cruz.

Jesus Cristo Salvador, salvais.

Depois da novena, Padre Cícero está de volta a seu posto costumeiro. Enfeitando o panteão sertanejo, um vaso de margaridas artificiais dispensa regas. Num canto da parede, emoldurado, o preto velho saboreia seu cachimbo. Fachos de sol se intrometem pelas frestas das telhas.

Outras luzes são invocadas a entrar.

As corrente, os encantado, os médium espiritual, todos os encanto que vem das aldeia, todos eles são com Deus. E eles tão purificado pra nos ajudar. E dar força àqueles que tão tombado.

Atendendo ao chamamento, os Mestres chegam em fila, por cima da Serra da Guia. O Índio vêm à frente da procissão invisível, apontando sua lança para o vale. Atento aos sinais das pedras, o Juremeiro indica um atalho aos seus outros vinte e seis companheiros. Logo, todos concluem a descida. Migrando de um plano a outro, os espíritos fecham

sua corrente, de mãos dadas em torno da casa. É a Rainha das Flores quem destranca a porta, *com a força de Abraão e a chave de Salomão*. E depois fica de sentinela, defendendo a passagem.

Enquanto isso, lá dentro, José Boiadero cavalga Dona Zefa.

...iiichhhuu!

Pra que me chama em nome de Deus?

O primeiro paciente se adianta, posicionando sua fé diante do altar. De olhos fechados, a rezadeira enxerga o outro por dentro. Entre o que adoce o corpo e enfraquece a alma, tudo é nomeado. A voz do Bem pronuncia o inventário do Mal: *inveja, ambição, perseguição, má vontade, nervo arriado, tombado, assustado, escarreirado, inzambaiado, dor de cabeça, dor nas costas, peso nos ombro, fraqueza nas perna, trimura nas carne, arripeio, dor de dente, dor de pontada, dor de chuchada, dor de orgulho, dor molestada, inquizangada, sangue alvoroçado, sangue empalmado, sangue aguado, sangue agitado, sangue quente, sangue frio, impurezas e tristezas, moléstias e patifarias, infecção, secreção, o que racha, o que estrala, o que desce pus e corre água...*

As palavras lavam o benzido. A mão espalmada sobre a testa só faz enxugá-lo, a cada vez que desce num movimento ríspido, atirando as sujeiras à boca aberta do chão.

Sai do corpo e das tuas carne!

Sai da sombra e da fala!

Sai da réstia do caminho das estrada!

Sai da cama que se deitá!

Para reforçar a limpeza, outros banhos são re-
ceitados: *arruda, alho, sal, fumo e pinhão roxo. Pra
receber Deus no coração. No investimento do renascer
do ano.*

Por fim, quando todos os presentes já foram
atendidos, e já não há mais nada que oferecer nem
esperar, cobrindo-se com as três cruzeiras da persig-
nação, *o Caboclo José de Alencar vem dar por encer-
rado esse trabalho, em nome de Deus, que assim sej...*

Então, no abre-olhos, o Boiadeiro desmonta da
rezadeira. A Rainha das Flores tranca outra vez a
passagem. O Juremeiro aponta o melhor caminho
para o retorno. E o Índio puxa a fila para o alto da
Serra da Guia, onde os vinte e sete Mestres desfru-
tarão de um breve repouso.

Porque Dona Zefa, a menina espevitada, não se cansa de dançar.

AGRADECIMENTOS

Logo de cara, agradeço demais ao Edson Pistori, parceiro de outras histórias, por ter sido o primeiro a me ver escrevendo este livro. E, além do mais, por ter me apresentado ao Hêider Pinto, a quem agradeço pela confiança pra lá de generosa no meu trabalho. Valeu, primo!

Agradeço também à turma toda do Ministério da Saúde pela acolhida: Filipe Proenço, Zé, Érica, Timóteo, Florentino, Aristides e Amanda. Às referências estaduais, João Barbosa (PI), Cely Gama (BA), André da Silva e Leila Lopes (AC), Roberdson (RR), Anna Mota (TO), Helder Luz (PA), Polyana e Laerge (PB), pelas indicações valiosas, mas que não dei conta de conhecer. Ao Wagner Almeida, pela força para desatar os nós da burocracia.

Ao Marcelo Delduque, por ter colocado dra. Mayra, dr. Dmytro e dr. Sael no meu mapa. E ao Araújo Alcântara, um baita agradecimento pelas poesias em luz e sombra, gentilmente cedidas para as capas desta série.

No Sergipe, agradeço à Aline, pelo apoio da Secretaria de Saúde de Poço Redondo. Ao Sandro e ao Seu Alexandre, pela recepção familiar. À Dona Joana, pela vivacidade das memórias. Ao dr. Sael Caballero, pela disposição aberta, sem muros. E à Dona Zefa, pela meninice antiga, pelo abraço como benção.

No Amazonas, agradeço à Meiriane, ao Ricardo, ao Almino e à Delzuita, pelas pontes que me levaram de São Paulo até Manaus. Ao dr. Venâncio, meu gentil anfitrião no bairro Antonio Aleixo, pelas portas abertas. Aos motoristas Cristiano e Alexandre, pelo vai e volta entre o centro e a zona leste. À dra. Mayra Martinez e à Fran Oliveira, por me levarem pela mão ao cerne da Colônia. Ao Seu Vicente, Jandira e Lucilaine, Seu Aníbal, Edigilson Barroncas, Dona Eunice Vieira, Seu Brulino, Seu Raimundo Piranha, Seu Rui Coelho, Seu Francisco Félix (Chico Manacapuru), Maria Raimunda e Anastácio da

Costa (Seu Pitu), por remediarem, com suas próprias histórias de vida, algo dos meus enrustidos preconceitos.

No Rio Grande do Norte, agradeço à Uiacy e Antonia pelo pente fino nos casos exemplares, garimpados para mim. À Eliege, secretária de Saúde de Touros, pelo aval à minha viagem. Ao dr. Dmytro Petruk, pela companhia apaziguadora, e pela mistura de paisagens, montanha com praia, que sua biografia me inspirou. E à Dona Maria do Socorro, Miguel de Moura, Alais Araújo, Seu Adão Moreira, à família Gomes Matias, ao Antonio Barbosa, Seu Orlando, Marcos Tibúrcio (Marquinhos), Seu Rui, Raimundo, Dona Francisca e Jéssica, à Lenísia da Silva, ao Márcio, Maécio e à Dona Dária Assis, por me permitirem conhecer o verso do cartão-postal, nas comunidades de Perobas e Carnaubinhas.

Um ano indo e vindo, maré de saudade enchendo e esvaziando... Dedico estas histórias à Passarinho, minha bússola pelos caminhos da leveza. E ao Pedro, o sentido disso tudo.

O médico e a rezadeira © Antonio Lino, 2016

Os direitos de uso desta edição foram cedidos pelo autor à Editora Rede Unida, em caráter não exclusivo e para fins não comerciais.

DIREÇÃO DE ARTE Paula Dib

FOTO DE CAPA Araquém Alcântara

REVISÃO DE TEXTO Revisões & Revisões

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lino, Antonio

O médico e a rezadeira / Antonio Lino; foto Araquém Alcântara.
São Paulo: Ed. do Autor, 2016. -- (Série branco vivo)

ISBN 978-85-912473-4-9

1. Caballero, Sael 2. Cultura popular - Sergipe (SE) 3. Dona Zefa
4. Médicos - Relatos 5. Memórias 6. Religiosidade 7. Viagens -
Narrativas pessoais I. Alcântara, Araquém. II. Título. III. Série.

16-05627

CDD - 910.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Relatos de viagens 910.4
2. Viagens : Narrativas pessoais 910.4

editora



redeunida

Secretaria Executiva

Rua São Manoel, 498 - Santa Cecília

Porto Alegre/RS - CEP 90620-110

(51) 3391-1252

secretaria@redeunida.org.br

www.redeunida.org.br



9 788591 247349